

Vou pedir licença ao Governador para inverter a ordem e não vou nem pedir aplauso. Já aplaudiram tanto e vão aplaudir espontaneamente.

Em primeiro lugar, quero saudar vocês que estão aqui presentes, que são, realmente, aqueles que fazem de Carajás o orgulho do Brasil: os engenheiros, os trabalhadores, as crianças, os Prefeitos, a Diretoria, a Vale do Rio Doce. Essa festa é nossa, mas é nossa graças a vocês.

Naturalmente, o apoio permanente e prestante do nosso Governador Almir Gabriel já foi ressaltado, e merece ser ressaltado mesmo. O Almir Gabriel, quando assumiu o governo do Pará – eu estive na campanha, andamos por lá –, encontrou o estado numa situação que não era das melhores. Talvez, pior que o Pará, só o Brasil. E ele organizou o Pará, ele fez com que o Pará, hoje, tenha a sua cabeça erguida. E o Pará, hoje, é sentido no Brasil todo como um estado progressista, como um estado que não tem só presente, mas caminho para o futuro. Não vai morrer no passado, vai avançar. E fez mais. Ele fez com que houvesse, de novo, a memória de Belém. Belém, hoje, é uma das cidades mais bonitas do Brasil. Em grande parte, como ainda agora, na inauguração do Teatro, na inauguração do Estádio, na inauguração daquela muralha

formidável, ao lado do rio, tudo aquilo, e da nossa Igreja de Santo Alexandre, que não esqueço jamais, tudo aquilo foi feito graças ao entusiasmo do Almir Gabriel e a um pouquinho de ajuda que pude dar. Então, quero homenagear o Almir Gabriel por tudo isso.

É preciso que se saiba que o Pará tem muitos lugares com os quais os brasileiros se identificam de imediato. E para evitar ciúmeira, vou dizer que Cametá, também, tem um paredão bonito. O nosso Prefeito está feliz aí, porque sabe que vamos fazer também um paredão muito bonito, lá no rio. Vai ficar uma beleza.

Quero saudar o nosso Ministro Paulo Renato. Já se falou aqui a respeito das escolas profissionalizantes. Mas o que se diz hoje, aqui, no Pará, sobre a obra educacional, pode ser repetido no Brasil inteiro. Há muitos anos, venho dizendo que o Ministro Paulo Renato comandou uma revolução silenciosa na educação. Ela agora começa a ser barulhenta. O mundo todo está vendo que nós, realmente, pusemos essas crianças todas nas escolas. E isso era o maior desejo do Brasil: acabar com o analfabetismo.

Estamos nos preparando para, em poucos anos, podermos ter o orgulho de dizer que todas as nossas crianças estão nas escolas e que, portanto, em uma questão de tempo, o analfabetismo será uma nódoa do passado.

Mas não foi só na educação primária, não. Avançamos na profissional. O ensino médio aumentou muito fortemente. O ensino superior aumentou muito. Os recursos para a pesquisa, também graças ao Ministério de Ciência e Tecnologia, e para a educação aumentaram. O “Provão” se generalizou. A idéia de que tem que haver competência está aumentando, não se deve estar punindo o aluno, mas a escola, quando a escola não educa bem o aluno. Enfim, é uma nova mentalidade de educação brasileira.

E tendo saudado o Governador e o nosso Ministro Paulo Renato – não vou falar nada sobre a Ruth, porque iriam dizer que era proteção. E ela não precisa, ela sozinha vale mais do que tudo que eu possa dizer sobre ela –, quero saudar, mais uma vez, e comecei saudando, mas agora nominadamente, a ação que tem sido desenvolvida na Companhia Vale

do Rio Doce pelo Roger Agnelli, que é o seu Presidente Executivo, e pelo nosso Luiz Tarquínio, que está presidindo o Conselho da empresa.

Acompanho a ação da Vale do Rio Doce, embora, hoje, esteja privatizada – foi privatizada como se fazem as coisas no Brasil, tudo com correção, prestando atenção no interesse público. Então, o Governo tem uma chamada *golden share*, “uma cláusula de ouro”. Nós podemos interferir na Vale do Rio Doce sem ela ser desviada dos seus objetivos. Eu acompanho a Vale, embora de longe, e posso usar os testemunhos: esse foi, senão o mais, um dos períodos mais fecundos da Companhia Vale do Rio Doce, graças à ação da sua atual diretoria, da que a precedeu, de todos os colaboradores que aqui estão e do empenho muito grande, pessoal, do Roger Agnelli, sempre com o apoio do Conselho que representa os acionistas, entre os quais há representantes meus, diretos, porque o Tesouro tinha, até há pouco, uma boa porcentagem da Companhia Vale do Rio Doce.

Ontem à noite assisti a uma exposição, lá na casa de hóspedes da Companhia, a respeito dos projetos dessa empresa. Gostaria que todos os brasileiros tivessem a chance que tive de ouvir os projetos da Companhia, vendo lá seus Diretores, e de poder fazer o que pude fazer, nesta manhã, imediatamente antes de chegar aqui, que foi percorrer de avião os vários jazimentos. Primeiro, fui lá a Canaã de Carajás. Lá, assisti à explosão, uma primeira explosão simbólica, do começo da exploração do cobre naquela região da Mina do Sossego. Depois fomos ver, no lado oposto, uma mina de ouro que está se esgotando. Embaixo dela existe cobre. Depois, passamos por cima das jazidas fundamentais de minério de ferro. Vimos manganês, avistamos ao longe o níquel.

Tudo isso é muito impressionante. Mais impressionante é a natureza extraordinária da província mineral de Carajás, incrustada aqui no Estado do Pará. Mais impressionante é a obra humana que foi feita aí. É uma coisa – para não dizer uma palavra que as crianças não entendem, ciclópica –, é uma coisa extraordinária, porque se vê o cuidado com o meio ambiente, que é fundamental. E, naturalmente, a mineração destrói a natureza. É preciso reconstruí-la e é preciso destruir o mínimo possível.

Há o cuidado com o trabalhador que controla as máquinas, que controla por satélite. Viu-se aquela coisa imensa que são aqueles 200 vagões que levam toneladas de minério para o porto de Itaqui, lá no Maranhão. Viu-se tudo isso com uma precisão absoluta. Mas se viu, sobretudo, a preocupação com a natureza social da empresa. Essa empresa tem compromisso com o Estado do Pará, tem compromisso com Parauapebas, tem compromisso com Canaã dos Carajás, tem compromisso com sua região. Os Prefeitos que estão aqui podem testemunhar isso. Agradeço a presença do Prefeito. Essa empresa cuida do que é mais importante que o minério, que é a pessoa que extrai o minério, é a família de quem extrai o minério, são aqueles que trabalham em volta do minério e que não têm nada a ver com ele, mas vivem na região. É uma empresa que dá condições ao meio ambiente, é uma empresa que dá valor às pessoas e que dá aquilo que é a base do progresso: educação. Educação é responsabilidade nossa, dos governos, mas é complementada ativamente pela iniciativa privada.

Essa é, portanto, uma empresa da qual o Brasil se orgulha. E se é verdade, como disse o Doutor Roger Agnelli, de que, quando nós tomamos a decisão de privatizar a Vale do Rio Doce, havia dúvidas, eu nunca tive as dúvidas que muitos tiveram. E nunca tive por quê? Porque tinha consciência de que íamos dar um passo pensando no interesse nacional e na nossa população. A privatização da Vale do Rio Doce propiciou mais recursos ao Tesouro Nacional, mais receita nas nossas exportações, mais empregos para os nossos trabalhadores e melhores condições de apoio às cidades e às populações nas quais a empresa opera.

Não se trata, portanto, de, ao passar para as mãos privadas, dizer que essa empresa agora vai explorar não só o minério, mas o povo. Não! Vai ser responsável perante o País sobre seus resultados, tanto os materiais quanto as informações de pessoal. É uma empresa moderna. Está controlada pelo Congresso, pela opinião pública, pela mídia, pelo Governo, pela comunidade, diretamente. É uma outra visão do que seja uma empresa no mundo atual. E, hoje, ela já é de propriedade de centenas de milhares de brasileiros, porque tomei a decisão de que a participação que o Governo Federal ainda tinha – que era importante na empresa, e

que o BNDES tinha – ia ser vendida em leilão, mas que os trabalhadores poderiam utilizar uma parcela do FGTS, do seu Fundo de Garantia, para aplicar comprando ações da empresa. Como fiz, também, com a Petrobras, e os trabalhadores tiveram lucros extraordinários com a Petrobras. Não sei qual vai ser o tamanho do lucro com a Vale do Rio Doce, porque essas coisas não se falam em público, mas vai ser muito grande também.

De modo que se trata, simplesmente, de fazer com que haja a possibilidade de que mais pessoas possam participar da riqueza coletiva, e não simplesmente de tirar do Tesouro, em que ninguém sabe muito bem qual vai ser o destino do dinheiro, e entregar nas mãos privadas. Não! É fazer com que essa empresa seja mais enraizada no País e que ela responda, com mais vigor e com menos travas burocráticas, aos desafios da concorrência no mundo contemporâneo.

Não é o único caso. É, talvez, um caso marcante, como eu já me referi, pude constatar, mais de uma vez – é a terceira vez que eu visito Carajás e pude constatar –, mas não é o único caso. Para sorte de todos nós, brasileiros, esse espírito de empreendimento e esse espírito de responsabilidade social começam a se alastrar. Ainda ontem conversávamos com diretores da Vale do Rio Doce e mencionávamos isso.

Nós, hoje, temos alguns setores nos quais o Brasil se prepara para ser um importante ator no cenário internacional. É assim com papel e celulose, é assim com a agricultura. Nós somos o primeiro, segundo ou o terceiro em quase tudo. É café, é soja, é milho, é suco de laranja, e por aí vai. O Brasil está entre os seis maiores produtores do mundo disso tudo. Na pecuária também. É assim com os aviões, com que começamos a participar de maneira muito ativa. Estamos avançando na siderurgia, estamos reorganizando a nossa petroquímica para que ela possa avançar na mesma direção.

A nossa produção de automóveis sofreu uma revolução. Hoje, temos quase todas as empresas do mundo produzindo aqui. E mais: quando eu assumi o Governo, a produção estava concentrada em São Paulo, com uma única exceção: uma fábrica em Minas Gerais. Hoje, aumentou o número de fábricas em São Paulo, aumentou em Minas Gerais, e

se expandiu para o Paraná, se expandiu para Goiás, para a Bahia, para o Rio Grande do Sul. Houve um aumento enorme da base produtiva de automóveis. Automóvel quer dizer mais aço, quer dizer mais siderurgia também.

Estamos avançando em vários setores. Agora, e por isso vim aqui, essa companhia dá um passo importantíssimo. O Brasil ainda importa muito cobre; estamos agora dando um passo para que, por volta de 2008, possamos exportar cobre. É uma virada completa no que diz respeito ao cobre. E isso é um fato fundamental, é um avanço fundamental. É um avanço que vai fazer com que essa companhia possa continuar se colocando entre as principais companhias do mundo.

O Doutor Roger assistiu a uma conversa minha com o Presidente do Chile, faz dois meses. Eu desafiava o Presidente do Chile, o Doutor Roger e o Presidente da Companhia Codelco, lá do Chile, dizendo o seguinte: “Por que vocês dois não se juntam e vamos comprar empresas pelo mundo afora para sermos nós os grandes produtores e para sermos capazes de impor preços e não sofrer as imposições de preço, como freqüentemente nos fazem?”

É com esse espírito que eu vim, hoje, aqui, a Carajás. Quero simplesmente agradecer, sem nada a acrescentar ao que já foi dito aqui, a não ser o meu entusiasmo, a não ser, de todo o meu coração, dizer que vocês estão fazendo muito pelo Brasil. E concordar com o Governador Almir Gabriel. Vamos, sim, fazer Belomonte, Governador. Antes de eu deixar a Presidência da República, será feita a licitação de Belomonte. Belomonte vai ser uma realidade. Não terei o privilégio de acionar a usina de Belomonte como Presidente, mas terei, se Deus me permitir, o prazer de estar presente, assistindo a Belomonte se incorporar à riqueza do Brasil. O Pará merece. O Brasil também!

Muito obrigado a vocês todos.